



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Portal Terra**

**Palácio do Planalto, 22 de setembro de 2010**

**Jornalista:** Presidente, em 1978, o senhor era um líder operário, estava na Bahia em um encontro, se não me engano, de petroleiros, em um hotel da Bahia – eu era um estudante, ainda, de Comunicação –, e tinha AI-5, censura à imprensa, tal. Na década seguinte, nos anos 80, 90, em inúmeras conversas, sempre o assunto acabava, de alguma forma, passando pelo monopólio da mídia. Nos anos 2002, à véspera da eleição, de novo a gente conversou sobre isso. Em 2006, a uma semana de o senhor ser reeleito Presidente, em uma conversa o senhor disse que não ia tirar nada de ninguém, que o senhor era democrático, mas sim redistribuir... a ideia era redistribuir meios, etc., etc., ajudar meios a se ter uma maior diversidade de opinião. Chegando agora, na reta final, o senhor tem feito críticas duras à imprensa, dizendo que tem um candidato e não tem coragem de assumir, e, ao mesmo tempo, o contraditório diz que existiria um projeto político vocalizado pelo Zé Dirceu, etc., e que tentaria enquadrar meios de comunicação. Primeiro eu queria que o senhor dissesse o que o senhor realmente pensa disso, e se existe uma expectativa, se existe alguma coisa em relação a isso.

**Presidente:** Olha, primeiro, na nossa passagem pela Terra – não pelo “Terra”, pela Terra –, a gente ouviu coisas absurdas que a gente gosta e que a gente não gosta. Veja, qualquer pessoa neste país tem o direito de me acusar de qualquer coisa, é livre. Aliás, foi o PT que, no congresso de São Bernardo do Campo, decidiu que era proibido proibir. Isso é um *slogan* do PT, no congresso de 1991.



**Jornalista:** O Caetano vai dizer que é dele, hein?

**Presidente:** O que acontece concretamente é o seguinte: muitas vezes, uma crítica que você recebe é tida como democrática; uma crítica que você faz é tida como antidemocrática, como se determinados setores da imprensa fossem acima de Deus, e que ninguém pudesse ser criticado, ou seja, escreveu, está dito, acabou e...

**Jornalista:** É verdade.

**Presidente:** ...é sagrado, como se fosse a Bíblia Sagrada. Não é verdade, não é verdade. A posição de um presidente é tomada como ser humano, um jornalista escreve como ser humano, o juiz julga como ser humano, ou seja, todos nós temos um padrão de comportamento e de julgamento. Portanto, todos nós estamos à mercê da crítica. No Brasil, e foi o Cláudio Lembo que disse para o Portal Terra que a imprensa brasileira deveria assumir, categoricamente, que ela tem um candidato e que tem um partido, e que falasse. Seria mais simples, seria mais fácil. O que não dá é para as pessoas ficarem vendendo uma neutralidade disfarçada, quando, muitas vezes, fica explícito no comportamento que eles têm candidato e gostariam que o candidato fosse outro. Estiveram assim em outros momentos, e eu acho que seria mais lógico, mais explícito. Mas eles preferem, eles preferem fingir que não têm lado e fazem críticas a todas as pessoas que criticam determinados comportamentos, determinadas matérias.

**Jornalista:** Então, não existiria nenhum projeto, etc., nada... futuro, enquadrar, nada? Isso existe como ideia, como intenção?



**Presidente:** Ora, veja, se existir uma ideia, ela será discutida pelo próximo governo, pelos próximos governos, ela será decidida pelo Congresso Nacional, porque é impossível você imaginar, você fazer uma coisa que discuta Comunicação se você não passar pelo Congresso. Quando nós tomamos a decisão de fazer a Conferência da Comunicação... nós já fizemos conferência de tudo que você possa imaginar; até de Segurança Pública fizemos conferência. Quando nós fizemos a Conferência de Comunicação, alguns setores das comunicações participaram, algumas TVs participaram, as empresas telefônicas participaram, muitos jornais participaram; ela foi feita em nível municipal, em nível estadual e em nível nacional; determinados setores da imprensa não quiseram participar e começaram a achar que aquilo era antidemocrático, que aquilo era não sei das quantas. Eu não sei qual é a preocupação que as pessoas têm da sociedade discutir Comunicação, uma legislação que está regulamentada em 1962.

**Jornalista:** ...62, rádio...

**Presidente:** Portanto, não tem nada...

**Jornalista:** ...radiodifusão.

**Presidente:** Portanto, não tem nada a ver com a realidade que nós temos hoje, com os meios de comunicação que nós temos hoje, com a agilidade da internet, por exemplo. Então, o que nós achamos? Que o Brasil, independentemente de quem esteja na Presidência da República, vai ter que estabelecer o novo marco regulatório de telecomunicações neste país, redefinir o papel da telecomunicação. E as pessoas, em vez de ficarem contra, deveriam participar, ajudar a construir, porque será inexorável.



Ninguém tinha a dimensão, há quinze anos, do que seria a internet hoje, ninguém tinha; ninguém tem dimensão ainda do que pode ser a TV digital e a pluralidade que ela pode permitir de utilização dos canais de televisão.

Então, discutir isso é uma necessidade da nação brasileira, uma necessidade dos empresários, dos especialistas, dos jornalistas, ou seja, de todo mundo, para ver se a gente se coloca de acordo com o que nós queremos de telecomunicações para o futuro do país.

**Jornalista:** Está bom. Como essa discussão quase sempre se dá em meio à campanha, a gente não tem oportunidade de falar tão, assim, claramente, não é? O que mais incomoda o senhor: é a cobertura crítica de um lado e não existir investigação sobre os demais candidatos? Seria isso?

**Presidente:** Não, não, não. Veja, eu... Bob, você me conhece há muito tempo e sabe que eu tenho afirmado: só existe uma possibilidade, no meu governo, de alguém não ser investigado: é não cometer erro. Se cometer erro, tem que ser investigado.

**Jornalista:** Não, mas eu...

**Presidente:** E isso vale para todo mundo. Agora, veja, eu acho que a imprensa presta um papel importante...

**Jornalista:** Mas o senhor está dizendo que ela é desequilibrada, que ela só está cobrindo um lado e não está cobrindo...

**Presidente:** Não, não. É que eu acho que a imprensa presta um papel importante quando ela denuncia. Por quê? Ou você sabe porque alguém denunciou, ou você sabe porque alguém cobriu, ou você sabe porque saiu na



imprensa. Quando sai uma coisa na imprensa, você vai atrás, você vai, então, apurar, de tudo aquilo que é uma feijoada, o que é feijão, o que é carne, o que é costela, o que é carne seca, você vai separar as coisas para saber o peso de cada uma, e é exatamente o que a gente faz neste governo. Eu vou te dar um exemplo, sem citar jornal. Na campanha passada, os caras diziam: “Porque o avião do Lula, porque o Aerolula...” – não é? –, passando para a sociedade, disseminando umas bobagens que vão despolitizando a sociedade. Agora estão dizendo: “Porque a TV Pública é a TV do Lula”. Nunca disseram que a TV Pública de São Paulo é do governador de São Paulo, que as outras são dos outros governadores. Agora, uma TV, para um presidente que está terminando o mandato daqui a três meses, é TV Lula. Esse carregamento de composto de muita, de muita... eu diria, de muito preconceito, ou de muita... eu diria, até, às vezes, ódio, demonstra o quê? O pessoal... O velho Frias me dizia: “Lula, o pessoal do andar de cima não vai permitir você subir lá”. Quem me dizia isso era o velho Frias, repetidas vezes: “Lula, cuidado, que o pessoal do andar de cima não vai permitir você chegar naquele andar”.

Então, o pessoal se comporta como se o pessoal da senzala estivesse chegando à “casa grande”, e ficam transmitindo uma coisa absurda. Nesse momento do Brasil, falar em falta de liberdade de comunicação, nesse momento do Brasil! Eu duvido, duvido – eu quero até que (incompreensível), coloquem...

**Jornalista:** Na íntegra.

**Presidente:** ...em negrito isso aqui –, eu duvido que exista um país na face da Terra com mais liberdade de comunicação do que este país, da parte do governo. Agora, a verdade é que nós temos (incompreensível) das famílias que dominam toda a comunicação neste país, a verdade é essa. A verdade é que você viaja pelo Brasil, você tem duas ou três famílias que são donas dos canais



de televisão, e as mesmas são donas das rádios, e as mesmas são donas dos jornais.

**Jornalista:** E nos municípios isso tem uma capilaridade no chefe político local.

**Presidente:** Então, muita gente não gostou quando, no governo, nós pegamos o dinheiro da publicidade e dividimos para o Brasil inteiro. Hoje, um jornalzinho do interior recebe uma parcela da publicidade do governo, nós fazemos propaganda regional e a televisão regional recebe um pouco de dinheiro do governo. Quando nós distribuimos o dinheiro da Cultura... Por que só o eixo Rio-São Paulo e não Roraima, e não Amazonas, e não Pernambuco, e não Ceará, receberem um pouquinho? Então, os “homens da casa grande” não gostam que isso aconteça.

**Jornalista:** A propósito de “casa grande”, de sociologia, etc, na semana passada um importante sociólogo, Fernando Henrique Cardoso, evocou Mussolini ao se referir ao senhor como chefe de uma facção (incompreensível). Quer dizer, chegando ao final desses 16 anos, por que o senhor acha que ainda existe essa...

**Presidente:** Olhe, eu acho que, sinceramente, as pessoas deveriam olhar para o Brasil e olhar para outros países, e todo mundo deveria agradecer a Deus o Brasil ser do jeito que ele é, o Brasil ter o governo que ele tem e ter o povo que tem. Eu lembro que o João Roberto Marinho, o João Roberto Marinho, quando voltou da eleição do México passada, em uma conversa que ele teve comigo, ele disse: “Ô Presidente, eu estava no México, e foi de lá que eu aprendi a valorizar a democracia no Brasil. Porque, aqui tem o resultado eleitoral, todo mundo acata o resultado. Lá no México, eu vi um milhão de pessoas na rua contra o resultado eleitoral”. Aqui no Brasil, nós não corremos esse risco,



porque este país tem um outro jeito de exercitar a democracia, e a democracia, ela só será exercitada... Vocês estão lembrados quando eu dizia... quando eu era dirigente sindical ainda: democracia não é o povo ter o direito de gritar que está com fome. Democracia é o povo ter o direito de comer. E nós estamos chegando lá, nós estamos chegando lá. Então, as pessoas que talvez tenham problemas de... ideológicos, problemas de preconceito, que não admitem... Veja, ô meus queridos, vejam o que vai acontecer amanhã... depois de amanhã, sexta-feira, depois de amanhã.

**Jornalista:** O senhor vai à Bovespa.

**Presidente:** Depois de amanhã eu vou à Bovespa. A Bovespa, que tinha ódio de mim. E quando tinha medo de mim, ela tinha apenas 11 mil pontos. Hoje, ela já chegou a 72, já chegou a 68, ou seja, está acima dos 60 mil pontos, e vai exatamente um presidente da República, que tanta gente tinha medo, fazer a maior capitalização da história da Humanidade. Aí eu vou dizer: nunca antes na história do planeta Terra houve uma capitalização da magnitude que vai acontecer na sexta-feira, com a minha presença.

**Jornalista:** E isso lhe dá um prazer especial?

**Presidente:** Me dá. Me dá um prazer especial, porque é o sucesso do Brasil, é o sucesso da Petrobras, é o sucesso do investimento em tecnologia, é o sucesso de acreditar neste país. Na verdade, é o sucesso da ascensão do Brasil no mundo. Quem acompanha a imprensa internacional percebe que hoje nós ocupamos, na imprensa internacional, em um mês, aquilo que a gente não ocupava em três décadas pouco tempo atrás. Porque no Brasil as pessoas precisam aprender uma coisa: ninguém respeita quem não se respeita. E muita gente do Brasil costumava chegar nos Estados Unidos ou na Europa de



cabeça baixa, se achando ser inferior.

**Jornalista:** Tirando o sapato, eventualmente.

**Presidente:** Eu, quando eu tomei posse, eu disse para os meus ministros: se alguém tirar o sapato – se eu souber, também, não vou saber porque não estou com eles –, mas se alguém chegar lá para tirar o sapato, é melhor vir embora, porque eu mando embora. Então, a única coisa que eu acho que vai acontecer lá é o seguinte: o Brasil vai sair mais honrado desse processo, o Brasil vai sair mais forte, e não vai ser o Lula que vai ganhar, o Lula está fora disso em dezembro, meu filho.

**Jornalista:** O senhor está se referindo a isso por causa da pergunta “Mussolini...”

**Presidente:** É por causa disso. Eles confundem populismo com popular. Eles não sabem o que é popular porque eles nunca...

**Jornalista:** Mas ele é sociólogo, Presidente.

**Presidente:** Eles não sabem o que é popular porque eles nunca estiveram perto do povo. Essa gente, essa gente que não gosta de mim, eles, na época das eleições, até sorriem para os pobres, até fazem promessa para os pobres. Mas, depois das eleições, um pobre não passa perto deles um quilômetro. Então, isso é uma confusão maluca entre o populismo e o popular. O que é o populismo? É um cara que não tem nada a ver com ninguém e que aparece fazendo promessas, aparece fazendo política demagógica. Não é o nosso caso. Todas as políticas minhas são decididas, Bob... Já foram 72 conferências nacionais – setenta e duas –, conferências que começam lá no município, vão





para o estado e vêm para cá. Em algumas conferências participaram 300 mil pessoas até chegar à conferência nacional, e aí nós decidimos as políticas públicas. Então, eles... Realmente, eu acho que tem muita gente incomodada, e eu não tenho culpa, eu não tenho culpa. Tem muita gente... Tiradentes incomodou muita gente no Brasil. A Coroa Portuguesa, durante muito tempo, ficou incomodada com todos aqueles que diziam que era preciso mudar. Ficaram incomodados até com Dom Pedro quando ele quis mudar. Por que não ficar comigo?

**Jornalista:** O Brasil mudou, e eu faço a seguinte pergunta: a política brasileira mudou com o senhor? Antigamente falava-se muito em reforma política, que era uma das bandeiras, e hoje a gente vê os partidos enfraquecidos. Como o senhor avalia hoje a política, a necessidade de reforma política...

**Jornalista:** E um adendo: numa viagem para o Pará, às vésperas da eleição passada, até numa entrevista que a gente fez no voo, o senhor disse na entrevista que uma das suas primeiras medidas que o senhor tentaria seria a reforma política no novo governo. Por que é que não saiu? Por que é que é tão difícil de fazer?

**Presidente:** Olha, porque a reforma política não é uma coisa do Presidente da República. A reforma política é uma coisa dos partidos políticos. Veja... e do jeito que os partidos se comportam, parece que a gente tem um monte de partidos e todos criticando a legislação que regulamenta a política no Brasil, todo mundo quer uma reforma política, mas ninguém mexe, e do jeito que mexe agrada...

**Jornalista:** Do vizinho, não é?



**Presidente:** ...a muita gente. Então, veja, eu mandei duas propostas de reforma, de coisas que precisariam mudar para poder melhorar a política brasileira, e que não foram votadas porque...

**Jornalista:** Quais são?

**Presidente:** Nós mandamos, por exemplo, a regulamentação do financiamento de campanha – acabar com o financiamento privado e ficar só com o financiamento público – que, na minha opinião, é a forma mais honesta de se fazer campanha neste país. A fidelidade partidária... Por que o que é o ideal? É você ter partido forte para você poder negociar com o partido. Isso faz parte da democracia. Quando você faz coalizão com um partido político, você estabelece regras nessa coalizão, você partilha o poder com essa coalizão. Agora, do jeito que está, é que quase impossível, porque a direção dos partidos não representa mais os partidos, o líder da bancada não representa mais a bancada, ou seja, se criou grupos de deputados, grupos por região, grupos... e está muito difícil para eles próprios.

Então, o que eu acho? Quando eu deixar a Presidência, eu quero, primeiro dentro do PT, convencer o PT da necessidade de fazer uma reforma política, convencer os partidos da base aliada do governo da necessidade de se fazer uma reforma política neste país para que a gente não fique com legenda de aluguel, como nós temos agora.

**Jornalista:** Na semana passada o Lembo disse, até naquela entrevista, que primeiro – ele repetiu agora na semana –, que primeiro, a oposição vai sair em frangalhos das urnas – e ele é do DEM – e que, na verdade, hoje não existiriam, praticamente, partidos, só o movimento social que seria liderado pelo senhor. O senhor concorda com essa percepção?



**Presidente:** Eu não concordo, porque eu não sou líder do movimento social, eu sou um dirigente partidário. O movimento social tem suas lideranças próprias. Agora, eu acho que... eu não concordo com o Lembo que não tem partido político. O PT é um grande partido político. Nas pesquisas de opinião pública, o PT aparece com 30% de preferência em qualquer pesquisa que se faça, demonstração de que esse é um partido como poucas vezes no mundo você teve um partido assim. Você teve o PRI itali... o Partido Comunista mexicano, que era extremamente forte, e aí sim era populismo; você tinha o Partido Comunista italiano, que tinha 30% dos votos, e era um baita de um partido na Itália, embora nunca tenha chegado ao poder; você tinha a social-democracia, que revezava o poder em uma parte da Europa; você tinha os socialistas franceses, que revezavam; e você tem, no Brasil, o PT, que é um partido organizado nacionalmente, e muito forte.

**Jornalista:** Presidente...

**Presidente:** Agora, eu acho que as reformas, elas se darão por dentro dos partidos políticos, dentro do Congresso Nacional, e elas se darão porque nós não precisamos ter uma legenda que aluga na época da eleição, que tem horário de televisão...

**Jornalista:** O Tiririca é um símbolo disso, agora?

**Presidente:** Veja, eu acho... eu não sou contra, veja...

**Jornalista:** Não como representação, não é demonizando, não...

**Presidente:** Não, veja, ele tem um partido...



**Jornalista:** ...mas é uma representação de uma...

**Presidente:** Não, é que ele tem um partido que o aceitou, e ele pode ser filiado a um partido como qualquer outra pessoa.

**Jornalista:** Claro. Eu digo a simbologia, não é?

**Presidente:** Não, é que... Deixa eu lhe falar: o Tiririca é um cidadão que representa uma parcela da sociedade brasileira.

**Jornalista:** Mas, um voto de protesto também.

**Presidente:** Eu acho, eu acho... Não, não sei se é voto de protesto. Ele pode surpreender. Eu acho legal o Romário estar entrando na política, acho legal o Bebeto estar entrando na política, o Marcelinho, porque, veja, antigamente a política o que era, gente? Antigamente a política era advogado, professor, funcionário público...

**Jornalista:** E empresário.

**Presidente:** ...e empresário. Ora, se você tem jogador de futebol, se você tem movimento indígena, se você tem... todo mundo tem que se apresentar, e o Congresso estará melhor representado. Se as pessoas trabalharem corretamente, serão valorizadas. Se as pessoas não trabalharem corretamente, no próximo mandato cairão fora, como já provou a história da Humanidade aqui neste país.

Então, eu estou tranquilo com relação à necessidade da reforma política. A cada dia uma pessoa sonha e cria um partido político. É democrático também. Agora, na época de disputar eleição, aí você precisa normatizar quem



é que participa no que, porque, quando nós fomos criados em [19]80, nós tínhamos que legalizar o partido em 15 estados e, dentro de cada estado, em 20% dos municípios; era um trabalho imenso, e ter 3% de voto...

**Jornalista:** Na eleição.

**Presidente:** Na eleição para o governo de [19]82. Não foi fácil chegar, e nós fizemos. Então, é preciso criar parâmetros para as pessoas organizarem. Você não pode... você não tem um partido político, daqui a pouco, os deputados são eleitos por um partido tal; antes de tomar posse, já mudaram de partido. Você fez uma negociação com um partido que tinha 20 deputados, daqui a pouco, esse partido tem 10, e as negociações estão feitas, e como é que fica?

**Jornalista:** Bom, Presidente, que PT é esse que, nesse momento da política brasileira...

**Jornalista:** Sairá das urnas.

**Jornalista:** Sairá das urnas? E primeiro... segunda pergunta: onde o PT, que teve momentos de altos e baixos, bem acentuados durante o seu mandato, onde ele acertou e onde ele errou?

**Presidente:** Olha, primeiro, o PT, ele tem pouca ingerência no governo. Quando você ganha o governo, você governa e, na minha tese, o partido tem até liberdade de, em vários momentos, não concordar com o governo e até fazer oposição ao governo, criticar o governo. Nós perdemos muita gente que saiu do PT porque não concordou com a reforma da previdência do setor público, que nós começamos a fazer em 2003. Isso faz parte também da história política do mundo inteiro, foi assim no PSOE, foi assim no Partido



Socialista Francês, foi assim no SPD alemão, no SPD sueco, no Partido Democrata americano... Acontece em todos os partidos políticos.

Eu acho que o PT me deu uma ajuda muito grande agora, quando aceitou a indicação da ministra Dilma como Presidente. Havia quem dissesse que o PT iria criar caso, que o PT queria uma liderança histórica, alguém com mais vínculo interno com o PT, e o PT aceitou tranquilamente a Dilma, e eu acho que o PT tomou uma decisão madura e coerente, sabendo a minha relação com o PT e o peso do governo na decisão do processo eleitoral. Eu acho que foi uma decisão madura, e obviamente que, muitas vezes, aceitando aquilo que a gente fazia no governo, porque... Qual é o problema do governo? Quando você chega ao governo, você não participa mais das decisões do partido. Eu, faz acho que oito anos, sete anos que eu não vou a uma reunião do Partido, por quê? Porque eu tomei como decisão que, ao ser eleito Presidente da República, eu não poderia governar para o PT, e eu não poderia enxergar o mundo apenas pelo PT, eu tenho é que enxergar o mundo pela pluralidade da política brasileira e da sociedade brasileira. Então, estabeleci uma forte relação com os trabalhadores, é verdade, mas estabeleci também uma relação muito forte com os empresários, estabeleci uma relação muito forte com os setores médios da sociedade. Porque é isso que é a sociedade brasileira: ela não é apenas vermelha ou azul ou verde, ela é muito mais colorida do que tudo isso, e o Presidente da República tem que ficar como uma espécie de magistrado. Agora, quando chega em época de eleição, não é possível o Presidente da República ficar como magistrado, porque eu tenho um lado.

**Jornalista:** Aliás, o senhor está sendo muito cobrado, não é?

**Presidente:** Eu tenho partido e tenho candidato.



**Jornalista:** O senhor está sendo muito cobrado, que está interferindo na eleição...

**Presidente:** Deveria ser, deveria ser cobrado quem perdeu, quem não conseguiu fazer o sucessor, porque o sucessor é uma das prioridades de qualquer governo para dar continuidade a um programa que você acredita que vai acontecer. Imagina se entra no Brasil, para governar o Brasil, alguém que resolve querer voltar a privatizar a Petrobras. Aonde vai o pré-sal? Ou alguém que resolva não mudar a lei e permitir que a Lei do Petróleo continue a mesma, a gente sabendo... O contrato de risco é quando a gente corre risco, mas quando a gente sabe onde está o bichinho do...

**Jornalista:** Do ouro.

**Presidente:** ...do ouro preto lá, por que a gente vai fazer contrato de risco? Então, nós temos que nos apoderar dessa riqueza a bem do povo brasileiro. É um patrimônio do povo, não é um patrimônio da Petrobras. Então, nós temos medo de que este país sofra um retrocesso. Por isso que eu tenho candidato. Seria inexplicável para a sociedade se eu entrasse em uma redoma de vidro e falasse: olha, aconteça o que acontecer nas eleições, o Presidente da República não pode dar palpite. Isso nunca aconteceu no mundo. Mas nem para escolher o Papa acontece isso.

**Jornalista:** Presidente, essas eleições, na visão do senhor, já estão decididas?

**Presidente:** Olha, nunca existe eleição decidida. Eu sempre acho que eleição e mineração, a gente só sabe isso depois...

**Jornalista:** Depois que abre.



**Presidente:** ...do resultado, que abriu a urna. Agora não tem nem urna para abrir mais.

**Jornalista:** Mas tem o negócio da identidade, este ano, que pode complicar um pouco.

**Presidente:** Eu acho que é... olha, teria problema de identidade se você não tivesse elevado 36 milhões de pessoas à classe C. Esse povo agora está comprando, meu caro, esse povo está entrando na loja, está fazendo crédito, esse povo tem documento com fotografia, esse povo...

**Jornalista:** E sabe que tem que levar (incompreensível)

**Presidente:** Lógico, todo mundo está avisando. O que eu acho extremamente importante é que, nesse processo eleitoral, a gente precisa, primeiro, ter muita cautela. Esse é o momento, esse é o momento de um time que está ganhando de 2X0, que...

**Jornalista:** Tomar um gol contra.

**Presidente:** ...o adversário está dando botinada, está chutando no peito, chutando na canela, o juiz não está apitando falta, e nós não podemos perder a cabeça, porque o que eles querem, na verdade, é expulsar alguém do nosso time, para a gente ficar em minoria. Então, agora, muita cautela. Vamos fazer troca de passes entre nós, vamos fazer a bola correr...

**Jornalista:** Segurar a bola.





**Presidente:** Como diria... como dizia o Parreira, quando estava dirigindo o Corinthians...

**Jornalista:** Manter o passe da bola.

**Presidente:** ...nós vamos ficar dominando a bola. O tempo que a gente estiver com a bola é o tempo que a gente não toma gol, então vamos...

**Jornalista:** Na prática falta uma semana, não é?

**Jornalista:** Eles conseguiram a expulsão da Erenice.

**Presidente:** Não, não conseguiram a expulsão da Erenice. A Erenice saiu porque, se ela cometeu um erro, o que ainda vai ser investigado... Veja, as pessoas... todos nós, seres humanos, precisamos aprender o seguinte: nós nascemos, crescemos e morremos. Nesse período de tempo a gente tem oportunidades, a gente aproveita ou não aproveita. Tem gente que poderia ser um baita de um jogador de futebol... Eu conheci 300 que eram um novo Pelé, nenhum foi. Eu conheci 300 que iam ser grandes políticos. Nenhum foi. Então, as pessoas, na medida em que têm oportunidade, as pessoas estão aqui para prestar serviço à sociedade. Se alguém acha que pode chegar aqui e se servir, cai do cavalo, porque a pessoa pode me enganar um dia, pode enganar... mas a pessoa não engana todo mundo todo dia..

**Jornalista:** Nesse caso, nesse caso...

**Presidente:** E quando acontece, a pessoa perde. O que aconteceu com a Erenice é que ela jogou fora uma chance extraordinária de ser uma grande funcionária pública deste país.



**Jornalista:** Nesse caso, o senhor admite que as denúncias estavam, ao menos em parte, corretas?

**Presidente:** Veja, eu sempre admito, eu sempre admito que muitas vezes tem coisas que você tem que investigar. Agora, por que é que eu comecei falando da feijoada?

**Jornalista:** Da partidarização da denúncia.

**Presidente:** Por que eu comecei a falar da feijoada? Porque a feijoada, ela tem ingredientes. Você, quando vai à panela de feijoada, você tem o feijão, mas você tem lá 300 coisas para você escolher. O que eu acho é que toda notícia de denúncia, ela vem como se fosse uma feijoada: depois que você faz o processo de investigação e escolhe o que você quer ali, você vai perceber que...

**Jornalista:** Quem quer paio, quem quer couve.

**Presidente:** ...daquela quantidade coisa... você vai perceber o que é cada uma. Tem coisa que tem dimensão séria, tem coisa que é boato, que é especulação, tem coisa que não tem profundidade. Então, qual é o papel de um Presidente da República? Na hora que você sabe de uma situação dessas, a primeira coisa que você faz é criar uma sindicância interna: a CGU, o Ciset, a Casa Civil começam a investigar e a Polícia Federal abre o inquérito. A partir desse momento, o Presidente da República abre a boca... fecha a boca, porque a partir daí não pode ter mais nenhuma influência do governo no processo de investigação. Quando tiver um resultado, que todas as pessoas prestarem depoimento, aí, você, então, comunica à sociedade o que aconteceu



de fato e de direito.

**Jornalista:** E as denúncias não vão interferir no resultado eleitoral, na avaliação do senhor?

**Presidente:** Eu não acredito, eu não acredito porque tem uma coisa que as pessoas precisam começar a aprender: se essas denúncias, elas são manipuladas eleitoralmente porque...

**Jornalista:** Ainda que verdadeiras.

**Presidente:** ...o povo percebe.

**Jornalista:** Ainda que sejam, em parte, verdadeiras, Presidente?

**Presidente:** O povo percebe. Mesmo aquilo que seja verdadeiro, o povo percebe. Agora o povo aprendeu a julgar, essa é uma coisa interessante. Uma coisa é o seguinte...

**Jornalista:** O que é que mudou, Presidente? Por que é que o povo aprendeu a julgar?

**Presidente:** Porque eu acho que o povo tem acesso à informação que ele não tinha antes.

**Jornalista:** Tem internet.

**Presidente:** Hoje eu acho que a internet joga um papel extraordinário. Eu digo pelos meus filhos.



**Jornalista:** O senhor acessa, o senhor acompanha, lê também?

**Presidente:** Não.

**Jornalista:** Não tem tempo.

**Presidente:** Mas pode ficar certo de que eu serei um internauta vigoroso a partir do dia 1º de janeiro...

**Jornalista:** Depois falamos sobre isso.

**Presidente:** ...de 2011.

**Jornalista:** Vai ter até Twitter, não?

**Presidente:** Eu não sei. Eu acho que o Twitter é uma escravização.

**Jornalista:** É isso.

**Presidente:** Tem gente que acorda às duas horas da manhã para ficar twittando.

**Jornalista:** É, é, é isso.

**Presidente:** Tem gente que levanta, para falar: “Ah, eu acordei, perdi o sono”.

**Jornalista:** E os seus ministros...



**Presidente:** E o que eu tenho a ver com isso, pô? Vai dormir, pô!

**Jornalista:** E tem ministro seu que está...

**Presidente:** Não, não, eu, às vezes, dou bronca em ministro porque... às vezes você está num comício, o cara está twittando lá, o cara nem prestou atenção, é como se o jogador de bola estivesse twittando, a bola passasse perto dele e o cara... Não, eu acho um absurdo, acho uma escravização.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Sabe, mas deixa eu... Não. Deixa eu contar uma coisa para vocês. Eu acho que as pessoas não estão compreendendo ainda o que aconteceu na comunicação neste país. Eu digo pelos meus filhos, ou seja, lá em casa, lá em casa ninguém compra mais jornal. Lá em casa a molecada toda lê o que tiver que ler pela internet, em tempo real. Você não tem que esperar... ah,, vamos ver o que vai acontecer amanhã ou depois de amanhã. Você entrou ali, pegou.

**Jornalista:** Foi. O Jornal Nacional é durante o dia todo, na realidade.

**Presidente:** Sabe, é isso, é isso. Então, as pessoas, são 68 milhões de brasileiros que acessam a internet, ou seja, um quarto das residências brasileiras que já têm computador. A tendência natural é isso ir crescendo de uma forma tão rápida...

**Jornalista:** Vai (incompreensível)

**Presidente:** ... que daqui a pouco a gente vai ter 150 milhões de brasileiros. É por isso que o governo se interessou muito...



**Jornalista:** A Banda Larga.

**Presidente:** Com a questão da Banda Larga. Porque você sabe que no Brasil é assim, né? De vez em quando todo mundo fala que vai resolver o problema mas todo mundo só quer cuidar daquele que tem rentabilidade. Então, vamos fazer as coisas em São Paulo, vamos fazer as coisas no Rio de Janeiro, vamos fazer as coisas nas capitais, nas cidades grandes. Mas aí quando vai...

**Jornalista:** Mas são 5.600 municípios.

**Presidente:** Mas aí quando vai se afastando, se afastando, se afastando que começa a não ter rentabilidade, as pessoas não querem. Por exemplo, como é que vai chegar internet nos rincões deste país se você não tivesse o programa Luz para Todos? O programa Luz para Todos está custando, o programa Luz para Todos está custando... eu vou esperar. Mostrar como eu sou democrático.

**Ministro Franklin Martins:** ...backup, aqui (incompreensível)

**Presidente:** Stukinha, poderia pedir mais um cafezinho para nós.

**Jornalista:** Tá. Paramos ou continuamos?

**Presidente:** Veja, se não fosse o programa Luz para Todos. O programa Luz para Todos está custando no governo federal... Ô Maia, me... talvez um investimento de quase R\$ 14 bilhões. Que governo doido iria fazer um programa Luz para Todos se não fosse eu? Quem, das pessoas que governaram este país, estavam preocupados em levar luz para uma aldeia indígena?



**Jornalista:** E sem luz não tem internet.

**Presidente:** Então nós fizemos um investimento, que eu pedi para Maia, hoje, pegar para eu falar no discurso quando eu for fazer um comício aí, que é o seguinte: nós já colocamos mais de 1,1 milhão de quilômetros de fios neste país. Já colocamos 6 milhões de postes neste país e já colocamos mais de 1 milhão de transformadores. Tudo isso, às vezes uma ligação custa dez mil reais, mesmo assim, muita gente diria: “Lula, você é louco. Gastar dez mil reais para atender um cara que está lá não sei onde”. Esse cara é tão brasileiro quanto quem mora em Copacabana ou quem mora na Avenida Paulista. Ele tem o direito. E se a iniciativa privada não faz porque não é rentável, o governo tem que fazer. Então esse cara vai ter internet. Então, daqui a pouco a gente vai ter, em uma tribo indígena de qualquer lugar deste país, o cidadão navegando, vendo o Portal Terra.

**Jornalista:** Mas índio não vai twittar duas horas da manhã, não é?

**Presidente:** Pode, pode twittar, vai que ele perde o sono. Então, eu acho que essa é uma revolução que eu acho extraordinária no país, eu acho um bem, acho um bem muito importante que a gente não fique dependendo apenas de um... Triste era o tempo em que o Brasil só tinha um canal de televisão, triste era o tempo em que o Brasil só tinha uma grande rádio, triste era o tempo em que o Brasil só tinha dois ou três jornais. Hoje você percebe que os grandes jornais do Brasil não são mais os que pensam que são grandes, são os populares que existem em vários lugares do país...

**Jornalista:** Grátis, (incompreensível)...



**Presidente:** Jornais a cinquenta centavos, jornais a R\$ 1,00, jornais de graça, jornais de metrô, jornais... Todo mundo está percebendo, por que? Porque antigamente até a publicidade brasileira era feita apenas para 35% ou 40% dos consumidores. Agora entrou uma gama de gente no mercado de consumo que todo mundo quer atingir essas pessoas.

**Jornalista:** (incompreensível) mudou.

**Presidente:** E aí eu penso que... uma coisa é o cidadão passar na banca, ver uma manchete e ir embora trabalhar. Outra coisa é o cidadão saber o seguinte: “eu posso tirar R\$ 50,00 do meu bolso e comprar o jornal ou eu posso acessar a internet de qualquer portal e ter minhas informações”.

**Jornalista:** Esse crescimento me leva a um outro assunto: todas as grandes cidades do Brasil estão estranguladas, todas. Você chega, nem entra. Porque teve acesso, porque tem apartamento sendo vendido, comprado, feito. Porque tem automóvel (incompreensível), e aí entra a Copa 2014. O senhor não teme que essas obras de infraestrutura que poderiam e poderão ser extremamente úteis para essa nova fase do país, que isso não seja levado em consideração?

**Presidente:** Estarão todas prontas.

**Jornalista:** Não, mas que não se leve em consideração exatamente que essas cidades aproveitam a oportunidade de desestrangulá-las...

**Presidente:** Então, mas deixa eu dizer uma coisa, Bob. Primeiro, nós temos que ter em conta o seguinte: a geração que está governando o Brasil nesse momento, os prefeitos, os governadores, o presidente da República e as que virão, nós estaremos quase que fazendo um reparo aos acontecimentos da





década de 70 no país, da década de 60. Ou seja, primeiro do êxodo rural quando milhões...

**Jornalista:** Inverteu o fluxo.

**Presidente:** De brasileiros se locomoveram das suas cidades e vieram para os grandes centros urbanos. E, por conta disso, a irresponsabilidade dos administradores públicos da época que foram permitindo que o povo fosse ocupando espaços inadequados, espaços proibidos, espaços na beira de córregos, espaços nas encostas de morros. E foram se constituindo as grandes favelas, as grandes favelas e, junto com as favelas, os grandes problemas. Nós estamos em um processo de fazer reparação disso, ou seja, reconstruindo a cidadania a partir das favelas. A primeira tomada de decisão foi acabar com as palafitas, que é o processo mais degradante de habitação humana. Aí depois, a urbanização de favela. Eu até gostaria que, se vocês pudessem, antes de terminar o meu mandato, visitem comigo o Complexo do Alemão, Mangueiras, Pavão-Pavãozinho, que vocês vão perceber o que está acontecendo nesses lugares e no Brasil inteiro. Eu estou dizendo esses lugares porque são lugares que aparecem mais na televisão...

**Jornalista:** Símbolos, símbolos.

**Presidente:** Vocês vão ver o que está acontecendo no Pavão-Pavãozinho, vão ver o que está acontecendo... nós estamos fazendo um teleférico no Complexo do Alemão, vai ter seis estações, cada estação vai ter biblioteca, vai ter escola profissional, vai ter delegacia, vai ter internet, vai ter... nós vamos levar...

**Jornalista:** Cidadão.



**Presidente:** Para o morro, nós vamos levar para o morro a polícia com o objetivo de proteger a sociedade dos malfeitores e não entrar de forma inadequada como se entrava...

**Jornalista:** Sei.

**Presidente:** Mas vamos levar cidadania. Eu quero que vocês vejam o que está acontecendo com a implantação das UPAs nas favelas, com a geração de emprego, com a geração de oportunidade, e essas coisas a gente só vê se a gente for. Se a gente quiser fazer jornalismo sentado em um gabinete e não sair para ver o que está acontecendo pelo Brasil, nós podemos cometer o erro das pessoas que foram exiladas, voltaram e não se deram conta de que o Brasil tinha mudado. Ficaram achando que o Brasil era o Brasil de 64. Então é preciso arejar a cabeça para ver o que está acontecendo no Brasil: o povo está feliz, o povo está percebendo que tem futuro, e eu não sei se isso incomoda algumas pessoas... tem gente que não gostaria que tivesse sido assim, não é? Tem gente que acha que: "Bom, mas tem muita gente bem. Esse governo vai terminar o seu mandato com mais de 80% de bom e ótimo. Onde que existe isso?". Porque as pessoas estão vendo que as coisas estão acontecendo. Eu acho normal e não fico com raiva quando um cidadão de classe média, em um bar, seja no Rio de Janeiro, em São Paulo ou em Belo Horizonte, tomando o seu uísque com os amigos, critique o Bolsa Família de assistencialista. Eu acho normal. Ele dá de gorjeta o Bolsa Família.

**Jornalista:** O que o senhor acho do...

**Presidente:** Agora, para uma pessoa que está com fome R\$ 100,00, meu filho...



**Jornalista:** E mesmo para a economia dessas pequenas cidades.

**Presidente:** É. Não, e a economia...

**Jornalista:** A feira do sábado.

**Presidente:** Quando a gente determina que 30% da alimentação escolar tem que ser comprado...

**Jornalista:** No local.

**Presidente:** No local, o que acontece naquele município? Uma revolução.

**Jornalista:** Fordismo.

**Jornalista:** O que o senhor acha da oposição ter criticado o Bolsa Família e agora propor até 13º [salário] para o Bolsa Família?

**Presidente:** O problema é o seguinte: essas pessoas que são oposição hoje não estavam habituadas a fazer oposição. Tinha alguns que fizeram muito atrás... Já faz tempo que o Serra fez oposição, foi em 1980, porque depois já virou secretário da Fazenda do Montoro... do Planejamento. Então, as pessoas desabituarão a fazer oposição e as pessoas fazem oposição com um certo preconceito, com certa raiva. Eu antigamente ficava ofendido com o preconceito, hoje eu acho que nós já vencemos todos os preconceitos, todos os preconceitos que poderiam ser vencidos. E eu acho que isso é importante. Eu acho que a oposição... e o PT também errou muito quando era oposição.

**Jornalista:** Real...



**Presidente:** Não, nós erramos muito. Se você pegar o projeto de Constituição que nós fizemos, era um projeto que, certamente, a Constituição era tão severa e tão rígida que a gente não conseguiria governar. Mas é próprio de quem é oposição.

O Plano Real foi uma das coisas que nós perdemos uma eleição, eu tinha quarenta e poucos por cento, no mês de março, eu fui caindo, fui caindo, fui caindo. O Fernando Henrique Cardoso, que talvez não se elegeisse deputado federal por São Paulo, começou, e o Plano Real...

**Jornalista:** A questão fiscal, também.

**Presidente:** É. Aquilo não foi uma campanha entre dois homens. Aquilo foi uma campanha...

**Jornalista:** Uma moeda e um...

**Presidente:** Entre a estabilização e a moeda, de outro lado. E a gente não acertou o discurso, como eles não estão acertando agora. Eles não estão acertando agora.

**Jornalista:** No que eles estão errando? Estrategicamente, politicamente...

**Presidente:** Não posso dizer. Não posso dizer no que eles estão errando.

**Jornalista:** Senão vai entregar o jogo para o bandido.

**Presidente:** Não vou dar dica para o... Não vou dizer qual o canto que eu vou chutar o pênalti.



**Jornalista:** Agora, qual a avaliação disso tudo? A avaliação do senhor sobre o comportamento do Serra, especialmente, o que o senhor acha?

**Presidente:** Olhem, o Serra, eu, para ser muito sincero, eu poderia dizer para vocês que o Serra está, hoje, na situação que eu estive, nas duas eleições que eu disputei com o Fernando Henrique Cardoso.

**Jornalista:** Perdido.

**Presidente:** Não, porque o Serra, ele foi candidato contra mim em 2002, quando o povo queria mudança. E eu era a mudança, ele era a situação. Agora, ele quer mudança quando o povo quer continuidade. Então, foram dois momentos muito delicados. A mesma coisa fui eu: eu fui candidato contra o Plano Real, era um massacre. Não precisava ninguém falar mal de mim, ou seja, só a história daquele pãozinho batendo no prato, a 9 centavos, a história daquele engraxate em Nova Iorque, que o engenheiro era o engraxate, não era... Aquilo não deu resultado, porque a gente não conseguiu gerar os empregos que eram necessários. Aí, depois, quando chegou em [19]98, eu já sabia qual era o discurso do Fernando Henrique Cardoso, que era o discurso: “Quem estabilizou vai gerar emprego”. E a gente não tinha como desfazer isso. Se bem que, em [19]94 eles fizeram uma sacanagem comigo. Em [19]94 fizeram uma decisão...

**Jornalista:** Criaram uma lei.

**Presidente:** De não permitir...

**Jornalista:** Imagem.



**Presidente:** ...que houvesse imagem externa.

**Jornalista:** Da caravana.

**Presidente:** Que era para poder impedir que eu colocasse as Caravanas da Cidadania na televisão. Mas, de qualquer forma, eu não lamento. Você sabe o que acontece comigo? Eu, hoje, para ser muito sincero...

**Jornalista:** Agradece ter perdido...

**Presidente:** Eu agradeço a Deus ter chegado à Presidência quando eu cheguei, porque eu cheguei mais maduro, mais preparado. Eu cheguei sabendo mais coisas do que eu sabia em [19]89, [19]94 e [19]98, essa é a verdade. Então, ao invés de ficar lamentando, eu agradeço a Deus. E os meus adversários deveriam agradecer a Deus também, todo dia, porque eles imaginavam que eu ia ser um fracasso, para eles voltarem, e eles estão com bronca do meu sucesso. Se eu tivesse fracassado, eles estariam aí, falando. Agora, você veja uma coisa, gente, quando nós chegamos neste país, em 2003, o crédito total disponibilizado para 8,5 milhões de quilômetros quadrados e 190 milhões de habitantes era de R\$ 380 bilhões, isso era o crédito total disponibilizado. Hoje, só o Banco do Brasil tem isso, e o nosso crédito hoje é R\$ 1,6 trilhão. A Caixa Econômica financiava 5 bilhões, este ano, vai financiar 70 ou mais. Então, o Banco do Nordeste emprestou, em 2002, R\$ 262 milhões; este ano, vai emprestar quase R\$ 30 bilhões. Então, esse é o país que mudou e que as pessoas precisam compreender, e, ao invés de ficarem tristes, ficarem alegres, porque, quando eu deixar a Presidência, não ficará atrás de mim um bando de miseráveis como eles largaram para mim, mas ficarão



milhões de brasileiros que estão ascendendo na sua vida social, na possibilidade de emprego.

**Jornalista:** Isso vai para 18 países também. Então, que América Latina o senhor encontrou? Como é que o senhor acha que ela está hoje? O que avançou? Qual foi o problema? O que poderia ter avançado, talvez na questão das tarifas, da moeda?

**Presidente:** Eu vou, primeiro, contar uma coisa para vocês, Bob, porque isso é um fato histórico importante para as pessoas aprenderem, que é o seguinte: em 1990, eu tinha perdido as eleições para o Collor, mas eu tinha me convencido que nós tínhamos criado uma força política importante no Brasil, e resolvi, então, propor a convocação de uma reunião de toda a esquerda na América Latina, toda a esquerda da América Latina. Tinha regiões em que se discutia muito que a única saída era pela via armada, tinha lugares que começavam a discutir mais fortemente a democracia. O dado concreto é que nós fizemos uma reunião em junho, se não me falha a memória, de 2009, no hotel Danúbio, em São Paulo.

**Jornalista:** Em [19]89.

**Presidente:** Não, em [19]90, [19]90.

**Jornalista:** [19]90, não [19]89.

**Presidente:** De [19]90, eu lembro que era Copa do Mundo, eu lembro que o Maradona era sucesso, a única coisa que unia os argentinos era o Maradona. E eu lembro de países pequenos que tinham 18 organizações de esquerda, que foram para a reunião. Treze, doze, catorze. As pessoas não conversavam



entre si, e ali nós começamos a estabelecer um debate sobre a necessidade das pessoas acreditarem que pela via democrática era possível chegar ao poder. Eu era a prova...

**Jornalista:** Quase tinha...

**Presidente:** De que era possível chegar ao poder pela eleição direta, e nós criamos o Fórum de São Paulo. De lá para cá, o que aconteceu? Todos os países da América Latina e da América (incompreensível), todos países (incompreensível), com exceção de Cuba, que já tinha o seu regime anterior, todos chegaram ao poder pela via eleitoral, todos. O mais recente foi El Salvador, que o Maurício...

**Jornalista:** Funes.

**Presidente:**... Funes chegou ao poder, em nome da Frente Farabundo Martí. O Evo Morales: você quer bem maior para a Bolívia do que um índio ser eleito presidente da República? Porque antes era eleita gente que não falava sequer a língua deles, eram loiros de olhos azuis. De repente, se elege um companheiro como o Evo Morales, e que cresce a reserva, cresce o PIB, cresce a distribuição de renda, por quê? Porque ele tem vínculo com aquele povo, ele sabe que tem que cuidar da parte mais pobre. Eu acho que houve um avanço excepcional na América Latina em todos os níveis, e também acho que a rotatividade... a rotação no poder, ela é importante. Eu defendo isso porque acho que é extremamente importante a prática democrática das eleições. Se vão ser dois mandatos, três mandatos, quatro mandatos, cinco mandatos, nenhum americano hoje se queixa do Roosevelt ter sido presidente quatro vezes, ninguém.





**Jornalista:** Presidente, quais são as principais barreiras para que a América do Sul e a América Latina consigam ter um papel preponderante econômico como mercado? Essa questão que o Mercosul discute muito e não consegue avançar?

**Presidente:** Mas avançou, gente, pelo amor de Deus. Olhe, deixe eu falar uma coisa para vocês: o problema hoje é que quem está em crise são os ricos. Nós, estamos muito bem aqui, na América do Sul. Você sabe quanto que a gente tinha de balança comercial com a Argentina? Nove bilhões. A gente chega a 30! O maior parceiro comercial do Brasil hoje não é a Europa, não são os Estados Unidos, é a América Latina como um todo.

Então, o que acontece? Nós fizemos um trabalho de diversificar as nossas relações, e a América do Sul está se fortalecendo, é que não é fácil. Quanto tempo a gente acha que a França conseguiu chegar ao que é, que a Alemanha chegou ao que é? Nós demos passos importantes: a economia chilena cresce, a Argentina cresce, o Uruguai cresce, o Paraguai cresce. Todo mundo está crescendo.

**Jornalista:** O senhor pretende ter, de alguma forma, informal ou formal, um papel na América Latina ou na América do Sul?

**Presidente:** Não. Primeiro, sabe, Bob, que essa coisa de líder, essa coisa... ninguém se autoindica líder. Quando você é guindado a um posto de líder é porque os teus liderados reconhecem em você força para fazer aquilo. Se eles não reconhecem...

**Jornalista:** Não vai.



**Presidente:** Não adianta você dizer: “eu sou líder, eu sou líder”, não existe isso. Não existe por conta de tamanho de país.

**Jornalista:** O senhor vai para São Borja? Não, para São Bernardo?

**Presidente:** Veja, eu vou para a minha querida São Bernardo do Campo, de onde saí e para onde volto com muito orgulho, a 600 metros do Sindicato que me projetou na política, a mil e poucos metros das empresas que eu fiz grandes assembleias na porta de fábricas, e eu vou tranquilamente. O que é importante é que eu volto com a consciência tranquila.

**Jornalista:** Uma pergunta meio de balanço final: qual o senhor acha que foi o pior momento do seu governo e o melhor?

**Presidente:** Olha, eu vou dizer uma coisa: eu acho que a gente só vai ter noção... Eu não sei se você já perdeu alguém na sua família. Eu, quando perdi a minha esposa, você leva um tempo para você descobrir que acabou. Você sofre no dia do enterro, você sofre no velório. Nos primeiros dias, parece que você está um pouco anestesiado. Chega um dia...

**Jornalista:** Você cai na real.

**Presidente:** ...em que você cai na real. Então, eu estou com muito cuidado para não tomar nenhuma decisão precipitada, porque a avaliação correta do governo... Normalmente o cara deixa o governo: “Vamos fazer um livro”. O cara tem que deixar maturar pelo menos alguns anos. O cara tem que saber primeiro o que os outros pensam dele, para ele não ficar escrevendo um livro: “Eu me amo”. Sabe, não dá.

Então, eu acho que nós tivemos muita, mas muita, muita dificuldade em



2005. Ou seja, 2005 foi o momento em que os setores conservadores deste país tentaram repetir Getúlio Vargas, tentaram repetir João Goulart, tentaram repetir Juscelino. Porque se mostra a parte boa de Juscelino, mas não mostra que diziam: “Juscelino não pode ser presidente”.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Se for, não pode ganhar; se ganhar, não pode tomar posse; e se tomar posse, a gente derruba. Era assim que eles falavam.

**Jornalista:** O senhor entende, hoje, compreende hoje que em 2005 havia algo a caminho.

**Presidente:** Eu compreendo, compreendo.

**Jornalista:** Uma tentativa de golpe a caminho.

**Presidente:** Eu compreendo. Tinha uma diferença, tinha uma diferença.

**Jornalista:** Qual era?

**Presidente:** Eles não sabiam da força que eu tinha na rua.

**Jornalista:** E o senhor acha que a intenção era derrubá-lo?

**Presidente:** Eu reuni o governo aqui, eu disse: Olhem, vocês fiquem aqui, porque essa gente vai me enfrentar na rua.

**Jornalista:** Mas o senhor acha que a intenção era derrubá-lo...



**Presidente:** Eu, eu não sei se a intenção era essa. Eu não quero, não quero tratar isso de forma, eu diria, pequena. Eu acho que eles não foram mais adiante de medo, porque não sabiam o que podia acontecer. E não foram mais adiante porque eles acharam que já tinham me desgastado demais.

**Jornalista:** Sangrado (incompreensível). Sangrado, não é?

**Presidente:** Eu vou, eu vou, eu vou contar uma história. Eu vou contar o santo, mas não vou contar o milagre... Não, eu vou contar o milagre, mas não conto o santo.

**Jornalista:** Isso a gente fala depois.

**Presidente:** Eu, uma vez... Não. Uma vez eu fui a um jantar com setores...

**Jornalista:** Abastados.

**Presidente:** ...dos meios de comunicação. E lá tinha quatro, cinco pessoas e tudo, e conversamos, e discutimos política, pergunta, resposta e tal. Porque você sabe que Presidente, ele é convidado para um jantar, mas, no fundo, todo mundo fica perguntando, termina nem comendo, todo mundo fica perguntando. Como é feio comer [falar] de boca cheia, você, então, não come. E, também, é chique, o Presidente não pode beber, porque se beber vão dizer...

**Jornalista:** Ah, é, que ele bebe.

**Presidente:** Então, você tem que tomar Coca-Cola e água. Bem, aí, nessa reunião, conversa vai, conversa vem, e tal. Aí, quando eu saí, já umas 11 horas



da noite, uma das pessoas falou: “Nossa, o Presidente está muito bem. Está muito bem e está com muita...” Isso era mais ou menos final de 2005, comezinho de 2006. “O Presidente está com muita convicção de que vai ganhar”. Aí, um dos puxa-sacos – você sabe que sempre tem puxa-saco, onde tem um chefe tem que ter atrás um puxa-saco – fala assim para ele: “Olha, isso é fingimento. Ele sabe que ele está desmoralizado. Ele sabe que ele não pode concorrer à reeleição”.

**Jornalista:** O senhor ouviu isso?

**Presidente:** Não. Uma pessoa que estava lá, depois me contou. Então, isso é apenas para demonstrar como é que as pessoas fazem avaliação equivocada, se as pessoas não conhecem o Brasil. As pessoas precisam conhecer o Brasil. Não é possível dirigir o Brasil de Brasília. Você tem que entrar nas entranhas deste país. É quase que fazer um *checkup* todo santo dia.

**Jornalista:** Todo ano...

**Presidente:** Por que a gente vai fazer um *checkup* e colocam a gente em uma maca e tiram fotografia das suas tripas, de tudo que você tem por dentro? Que é para saber se você tem alguma coisa. Então, você tem que fazer *checkup* deste país todo santo dia, tem que estar tentando descobrir as coisas. Às vezes é difícil descobrir, mas o Brasil começou a andar. O que é importante é que nós mudamos o paradigma. Quem vier depois, sabe que tem um patamar.

**Jornalista:** Presidente, o senhor volta para São Bernardo, mas vai fazer o que, exatamente?

**Presidente:** Ah, não sei, meu filho. Se eu soubesse...



**Jornalista:** Vai fazer política (incompreensível)?

**Presidente:** Se eu soubesse, se eu soubesse eu já tinha dito. Eu, sinceramente, veja, fazer política eu vou continuar fazendo, porque eu sou um ser político. Eu vou continuar fazendo. Eu já disse que eu tenho vontade de levar a experiência que o Brasil tem, em política social, para a África e para a América Central, sobretudo para a América Latina. Nós temos coisas muito importantes aqui no Brasil, coisas de muito sucesso, coisas que deram certo e que eu acho que o problema não é só dinheiro. Às vezes, o governo anda se queixando: “Não tem dinheiro”.

**Jornalista:** É a prática.

**Presidente:** Às vezes, no fundo, no fundo, é falta de conhecimento do problema, é falta de focar o problema, priorizar aquele problema e determinação. Se eu fosse ficar discutindo se a gente tinha dinheiro ou não, para sair de 20 bilhões na Educação para 70 bilhões, eu não saía. Se eu fosse sair, da Educação... se eu fosse discutir se eu tinha dinheiro para sair de 2 bilhões para 16 bilhões, do Pronaf, eu não saía. Ou seja, porque... É sempre, o papel do tesoureiro é sempre dizer: “Não tem dinheiro, não tem dinheiro, não tem dinheiro”. E o papel do administrador é dizer: “Nós precisamos fazer isso, nós precisamos fazer isso”. Quando você chega a um ponto de acordo, aí a coisa flui. Por isso é que o Brasil está vivendo este momento extraordinário de reconhecimento de toda a imprensa internacional, de reconhecimento de todos os empresários brasileiros e, sobretudo, dessa combinação fantástica entre aquilo que vê a classe mais rica do país e aquilo que vê a classe mais pobre. Todos estão ganhando e todos estão se aproximando. Quando o pobre deixa de ser menos pobre, quem é que ganha?



A classe média e a classe empresarial. Quando os pobres ficam mais pobres, quem perde? O Brasil inteiro.

**Jornalista:** Presidente, como faltam só poucos minutos, a gente podia até encerrar, para ver se consegue fazer uma imagem com a câmera. Só porque isso vai para um monte de lugar, só para a gente ter um... Em vez de a gente encerrar com cinco a gente acaba aqui. Pode ser, Presidente?

**Ministro Franklin Martins:** Fazer uma imagem como?

**Jornalista:** Uma imagem...

**Jornalista:** Uma imagem que pudesse ser aqui, (incompreensível) e tal.

**Jornalista:** Só uma coisa rápida, só para a gente...

**Jornalista:** Só para ter a imagem (incompreensível).

**Jornalista:** Pode ser, pode ser.

(\$31DHJLP)